

Livros de Uma Geração Inquieta

Rui Facó

Um ano literário fértil em obras de caráter político, econômico-social este que finda. O que se tem convencionalmente chamado de «brasileira», o conjunto das obras das diversas editoras dedicadas a problemas nacionais, foi consideravelmente enriquecido em 1962. Não será necessário um levantamento estatístico para que se perceba que as publicações deste tipo ultrapassaram em número as de qualquer outro período idêntico.

De certo, esta inusitada atividade cultural naqueles domínios corresponde à efervescência política e social em que temos vivido nos últimos anos. Corresponde também a uma crescente participação dos trabalhadores e do povo brasileiro nas decisões dos mais importantes problemas nacionais. É a uma época que se caracteriza ainda pela incapacidade demonstrada pelas classes dirigentes de enfrentarem e resolverem os complexos problemas com que se defronta o País, em particular os problemas do povo, aqueles que consistiriam em colocar o desenvolvimento econômico a serviço da esmagadora maioria da Nação: a Nação que trabalha e constrói.

É sintomático o fato de terem aparecido livros e opúsculos, durante o ano findo, dedicados, em grande número, aos problemas da revolução brasileira. Devemos recordar que trazia precisamente este título — **Introdução à Revolução Brasileira** — um trabalho de Nelson Werneck Sodré aparecido em 1958. Este ano proliferaram os títulos em que a revolução é o ponto de partida das considerações dos escritores: **Revolução e Contra-Revolução, A Pré-Revolução Brasileira, Que é a Revolução Brasileira? Quem pode fazer a Revolução? Perspectivas da Revolução Brasileira** — são alguns dos títulos de obras lançadas no Rio e em São Paulo. Várias dessas obras despertaram grande interesse e tiveram mais de uma edição. Quase todas foram discutidas na imprensa, de norte a sul do País, encontraram boa receptividade, principalmente nos meios universitários, num sinal evidente de que a revolução brasileira interessa seriamente à nova geração. Uma coleção de folhetos, alguns bem alentados, de mais de cem páginas, com o objetivo declarado pelo próprio editor de expor os

pontos de vista da atualidade de esquerda, obteve e continua obtendo enorme sucesso precisamente porque veio corresponder a uma expectativa e responder ao desejo de uma discussão aberta dos importantes problemas brasileiros da atualidade. A coletânea destes folhetos, — **Cadernos do Povo Brasileiro** — lançados os cinco primeiros no começo do segundo semestre de 62, outros cinco nas últimas semanas, já alcançou cerca de 100.000 exemplares de tiragem global, sendo desnecessário acrescentar mais alguma coisa sobre o interesse que despertaram.

Mas, de que revolução se trata? Não há muita clareza neste ponto. Pode-se dizer mesmo que a confusão é mais ou menos geral, numa prova incontestável do quanto as chamadas esquerdas estão desafinadas, dissonantes e mesmo discordantes entre si. Uns opinam que estamos maduros para a revolução socialista. Outros que, ante a revolução agrária, não podemos mais cogitar da distribuição dos latifúndios em propriedade privada, pois temos de passar à coletivização da propriedade. Para outros, a revolução limita-se ao desenvolvimento econômico e a uma relativa autodeterminação nacional, e ir adiante seria um crime...

Infelizmente, porém, não é só na conceituação de revolução na sua etapa atual que se desentendem os autores destes e de outros trabalhos publicados durante o ano findo. A maioria deles assume ainda uma posição que se poderia qualificar, de maneira um tanto sumária, como sectária, no sentido de que apontam soluções radicais inadequadas à situação que atravessa o nosso País. É desnecessário lembrar o quanto assim podem confundir e induzir a erro numerosos leitores, particularmente entre a juventude, menos experiente e menos atenta às nuances da realidade nacional e mais propensa, pelo ardor juvenil, às soluções aparentemente radicais, “revolucionárias”.

Se este é o principal aspecto negativo de várias das obras de que nos ocupamos aqui, tem-se que reconhecer que é altamente positivo o seu surgimento mesmo. Têm o grande mérito — afóra as qualidades inegáveis de algumas delas

— de abrir um debate que se tornava imprescindível, ante a crescente complexidade dos problemas que a nação brasileira terá de resolver e que não podem mais continuar entregues à improvisação e ao empirismo.

Percebe-se que os autores dos trabalhos a que nos referimos aqui se voltam para a realidade concreta, procuram interpretá-la honestamente, conforme os interesses do povo e da Nação. É este outro mérito seu. Revelam em geral uma enorme inquietação ante os problemas do País, mas ao mesmo tempo um natural otimismo, a certeza de que eles podem ser solucionados por nós mesmos, desde que os trabalhadores e o povo participem do seu encaminhamento. O não ceticismo, o não pessimismo constituem assim outras tantas características dos escritores e publicistas voltados para as soluções a partir das posições da esquerda. Têm de comum que não estão satisfeitos com o presente, a não ser pelo fato de que ele deve ser o ponto de partida para a negação de uma ordem de coisas que não pode mais subsistir, a etapa preparatória de uma nova ordem econômica, política, social.

Certamente, algumas das publicações do caráter das que tratamos aqui serão episdicas. Mas o que importa é que neste momento revelam um estado de espírito que não é somente do autor, mas reflexo de inquietações e preocupações mais ou menos generalizadas. Têm, por isso, o seu papel no processo revolucionário — para usar o termo adequado e oportuno — que estamos vivendo.

É motivo de satisfação verificar que quase todos os autores das obras com o caráter daquelas a que nos referimos, são homens de diferentes filiações partidárias ou sem qualquer partido. Entre eles encontram-se católicos, cuja atuação prática ao lado dos comunistas e dos socialistas enche de furor os velhos honzões da reação. Donde se conclui uma vez mais — pois a maioria deles têm tendências socialistas — que embora o capitalismo em desenvolvimento em nosso País exerça atração e influência, não são elas duradouras. A grande força de atração e a influência poderosa do socialismo acabam por prevalecer, não obstante todos os empecilhos, os retrocessos temporários, as crises reais ou aparentes.